Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: 78

Data: 18.08.80 Pg.:

1980

Conflito no Parque do Xingu

Funai espera alcançar solução esta semana

BRASÍLIA (O GLOBO) — A solução para o conflito entre índios e brancos no Parque Nacional do Xingu poderá ser definida esta semana, quando o cacique Raoni, dos txucarramae, voltar para a aldeia Cretire acompanhado pelo presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), coronel João Carlos Nobre da Veiga.

O presidente da Funai apresentará a toda a comunidade indígena a proposta já feita ao cacique Raoni, na última quarta-feira, em Brasília, de desativar a BR-80 e criar uma faixa neutra de 15 quilômetros, com características de reserva florestal, à margem direita do rio Xingu.

Embora o coronel Nobre da Veiga já tenha mantido contato com os fazendeiros cujas terras fazem limite com o Parque, a solução da Funai só poderá ser considerada definitiva depois de ouvir toda a comunidade indígena. Os caciques txucarramae que estiveram em Brasília disseram que não poderiam falar em nome de todos os índios e, portanto, não tinham autonomia para concordar ou não com as decisões do órgão.

Para o presidente da Funai, as duas propostas iniciais são as melhores medidas para que os silvícolas voltem à tranqüilidade e os fazendeiros eliminem a hostilidade e a antipatia contra os índios.

Mas, enquanto o coronel Nobre da Veiga não for à aldeia, o clima de tensão continua reinando em São José do Xingu, conhecido como "São José Bang-Bang", e entre as tribos do Parque Nacional do Xingu.

FALSA INFORMAÇÃO

Embora os conflitos já existam há vários anos, a atual crise nasceu no último dia 8, quando um grupo de 91 índios, entre txucarramae, suya, kajaby e trumai, atacaram e mataram a bordunadas os 11 peões que trabalhavam no desmatamento de uma área de 15 quilômetros na Fazenda São Luiz.

O massacre trouxe grande tensão à área, tendo os fazendeiros prometido que se armariam para reagir a um novo ataque dos índios. Enquanto os silvícolas afirmavam que continuariam matando todos aqueles que invadissem as terras que consideram de sua propriedade, os fazendeiros ameaçavam também matar todos os índios existentes na região.

O ataque, segundo o coronel Nobre da Veiga, teve sua origem em uma falsa informação dada pelo responsável pela balsa, conhecido apenas por Aníbal. Ele teria dito aos txucarramae que os peões estavam desmatando uma área indígena. Em depoimento à Polícia Federal, o cacique Bedjai disse que Aníbal lhes transmitira a informação, afirmando que na sexta-feira (dia do massacre) chegaria o material para o desmatamento. O balseiro teria sugerido depois do ataque, que os índios pegassem uma motocerra para ele.

O cacique Raoni lidera os txucarramae do Xingu

O coronel Nobre da Veiga, presidente da Funai

No início da semana passada, os fazendeiros e peões de "Bang-Bang" só falavam em vingança e dizimação dos índios. O dono da fazenda onde ocorreu o assassinato, Luiz Carlos da Silva Li-ma, afirmou, repetidas vezes, que o índio deveria ser educado pelos brancos para aprender a respeitar os outros.

— O País vai se transformar em uma grande reserva indígena — acrescentou — porque tudo o que o índio quer ele consegue. O índio é preguiçoso, malandro, não sabe fazer nada, não trabalha e ainda briga por mais terra.

Em sua opinião, os silvícolas são manipulados por pessoas que têm segundas intenções.

— Este é um País que vive da agricultura e da pecuária — observou — mas nós terminaremos sem terra, porque o Governo está atendendo a todas as reivindicações dos silvícolas.

O fazendeiro Hélio Russo, por sua vez, diz que se não houver uma definição rápida por parte da Funai, "muitos índios morrerão na área". Todos os proprietários de terra da região são unânimes em afirmar que estão sem segurança e, diante do impasse criado, a única solução é um armamento ostensivo para a proteção de todos.

REUNIÃO

Na reunião com o presidente da Funai, participaram aproximadamente 30 fazendeiros. Com momentos de grande nervosismo, principalmente quando se tratava de aumentar a extensão de terra da reserva indígena, durante todo o encontro eles afirmaram estar imensamente revoltados.

Embora não tenha definido nenhuma medida, principalmente porque as propostas da Funai foram severamente criticadas e recusadas pelos fazendeiros, o coronel Nobre da Veiga disse que a hostilidade era apenas "uma ferida que cicatrizaria com o tempo".

Os índios, por sua vez, continuam com os ânimos acirrados, tendo em vista o não comparecimento do presidente da Funai à aldeia na última quinta-feira, como estava combinado. Diante da ausência do coronel Nobre da Veiga, o diretor do Parque, Francisco Assis da Silva, disse estar preocupado e "perdendo o controle sobre os índios".

A Funai espera que esta semana seja definida uma saída para os problemas. Enquanto isso, os txucarrame continuam pintados para a guerra e os fazendeiros ameaçando reagir a um novo ataque com armamentos sofisticados. O clima de revolta permanece em "Bang-Bang" e mesmo que a Funai decida desapropriar a margem esquerda do rio Xingu, para a criação de uma faixa neutra, e desative a BR-80, a tensão pode continuar, uma vez que os próprios fazendeiros já alertaram que estas medidas poderão provocar reações violentas.

Sonho dos txucarramae é unir grupos

Os índios txucarramae estão divididos em cinco grupos espalhados pelo Mato Grosso e o sul do Pará. O grupo do cacique Raoni vive às margens do Xingu. O grupo sob a liderança dos caciques Crumuro e Crumari vive no Diauarum. Uma tribo numerosa chefiada por Begogoti e Cubencocre está no Alto Iriri e dois outros grupos pequenos estão fixados no Rio Fresco e no sul do Pará, no posto de Baú.

O grande sonho dos txucarramae é reunir todos os grupos dentro do Parque Nacional do Xingu.

O cacique Raoni, que comandou o ataque à fazenda São Luiz, embora tenha ficado do Posto Diauarum no dia do assassinato, é um homem muito alto, forte e um dos índios mais respeitados no parque. Tem o costume de se reunir todas as tardes com sua tribo, no centro da Aldeia, fazendo longos discursos e contando lendas que aprendeu dos antepassados e mostrando aos mais novos a ameaça da civilização que está invadindo a Amazônia.

— Txucarramae — dia — não quer matar ninguém. Nós queremos é viver em paz, para cuidar de nossas famílias e de nossas roças. Todo índio que deixou o branco entrar no seu território acabou perdendo quase toda a sua terra. As terras do Xingu são nossas. Conheço as grandes cidades, mas elas têm muito ruído e muitos cheiros ruins. Acho importante que elas existam, pois é lá que são feitos os machados e as enchadas que facilitam o nosso trabalho.

Raoni sempre afirmou desejar que o branco fique longe do índio.

— Os índios não temem as armas dos brancos — observa — nem a sua força, mas as doenças e os males que trazem para a gente.

Os txucarramae, segundo Cláudio e Orlando Villas Boas, sempre foram pacíficos, desde que não se sentissem ameaçados por ninguém.

Um dos problemas dos índios começou com a BR-80, em 1971. Nesta época, o superintendente da Sudeco, Sebastião Camargo Júnior, realizou uma grande festa à margem do Xingu, para comemorar a inauguração da estrada que corta o parque em toda a sua extensão. No povoado de Piarucu, foi realizado um churrasco com a presença do então ministro do Interior, Costa Cavalcanti.

Os irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas não compareceram à festa em sinal de protesto, por discordarem da estrada dentro da área indígena. Nesta época, os txucarramae ficaram muito bravos e afirmavam que as máquinas tinham afugentado a sua caça e os brancos que passassem pela estrada iriam querer tomar suas terras.

O ataque dos txucarramae no último dia 8 foi o quarto dos últimos sete anos. No dia 25 de novembro de 1973, eles atacaram os posseiros que viviam à margem da BR-80, sob o comando do cacique Moikara. Exigiam que os brancos abandonassem a área indígena. Neste ataque houve troca de tiros, embora não tenha ocorrido nenhuma morte.

Em 1977 os txucarramae atacaram a Fazenda Agropexim, pois não queriam que fosse imimplantada na área localizada a 50 quilômetros da aldeia, argumentando que aquelas terras pertenciam ao grupo. Neste ataque morreram duas pessoas.

O ano passado houve um outro ataque à Fazenda Agropexim, embora não tenha resultado em nenhuma morte. Sobre esta área, aliás, a Funai fez um pedido ao cacique Raoni, no seu encontro na quarta-feira. O coronel Nobre da Veiga explicou que os índios devem aguardar, pacificamente, a entrega da terra ao órgão tutelar, para que ele possa entregá-la legalmente à comunidade indígena.